

**JOSÉ LINS DO REGO:
SUJEITO AOS VENTOS DE GILBERTO FREYRE**

César Braga-Pinto
Rutgers University

“... você, meu querido Gilberto, tem feito de mim gente”

(Carta de José Lins do Rego a Gilberto Freyre, agosto de 1924)

“... pois em mim o pessoal muito explica o quase nada de impessoal”

(Carta de GF a JL do R, 27 de junho de 1927)

Seja no nível pessoal, seja no intelectual, a relação entre José Lins do Rego e Gilberto Freyre se define, em vários de seus escritos – particularmente em seus artigos, prefácios e correspondência¹ – como uma relação de mediação e sujeição. Muito já foi dito sobre essa amizade, freqüentemente considerada “uma das grandes amizades na literatura brasileira” (Menezes, 21) – inclusive pelo próprio Freyre, para quem aquela era uma amizade “como talvez nunca tenha havido outra entre escritores brasileiros” (*Alhos e Bugalhos*, 32). Nesse trabalho interessa-me menos o caráter propriamente empírico dessa amizade do que a maneira pela qual aqueles textos de Gilberto Freyre e José Lins do Rego que tratam explicitamente dessa relação entre amigos e companheiros de geração freqüentemente refletem uma série de binarismos que são centrais a suas obras e ao próprio movimento regionalista². Em particular, procurarei mostrar em que medida essa amizade constitui o modelo de uma oposição (sem antagonismo) que parece estar paralela à oposição entre senhor e escravo, conforme o modelo teorizado por Freyre a partir de *Casa Grande e Senzala*.

O testemunho dessa amizade *à la Montaigne* – rara e singular, por definição – e do impacto que um escritor teve no outro está presente em vários textos, tanto de Gilberto Freyre como de José Lins do Rego. Por mais que Freyre tente dizer o contrário, conforme se observa nas cartas que os dois trocaram entre si a partir de 1924 e nos artigos que um escreveu sobre o outro, o que transparece é uma relação assimétrica em que o impacto de seu pensa-

mento e de sua personalidade na educação de José Lins do Rego (e, no fundo, de toda uma geração de recifenses) teria sido consideravelmente maior do que uma possível influência do romancista sobre o sociólogo. Não se trata, no entanto, de medir ou identificar tal “influência” em si, já que o próprio conceito de influência é um tanto impreciso e de certo modo questionável –até o próprio Freyre, em um de seus textos sobre essa amizade, reconhece que “quase ninguém influi sobre outro sem ser, por sua vez, influenciado por esse outro” (*Alhos e Bugalhos*, 33). Freyre chega mesmo a declarar que não somente ele teria sido influenciado por José Lins, mas que os dois teriam se tornado parte de uma mesma narrativa de vida:

Completamo-nos através das influências que eu recebi dele e das que ele recebeu de mim. Sua vida e a minha tornaram-se, desde que nos conhecemos, duas vidas difíceis de ser consideradas à parte uma da outra, um complexo fraternalmete simbiótico, de tal modo se interpenetraram, sem sacrifício do temperamento de um ao do outro. (Recordando, 59)

O que interessa é sobretudo entender a natureza dessa dita complementaridade ou “interpenetração sem sacrifício”, assim como identificar em que medida e com que propósito a imagem de uma suposta “influência” (recíproca ou não) é construída nesses textos ou, para usar um outro termo freyriano, identificar como a *contribuição* de um autor sobre o outro se apresenta retoricamente em relação a modelos de dominação e hegemonia. Ou ainda, em que medida o discurso em torno dessa relação intersubjetiva, definida como uma “vida em comum” (*simbiosis*) – relação de características ao mesmo tempo homossexuais e incestuosas, visto que a interpenetração se dá *fraternalmente* – em que medida essa relação em última análise reflete também um possível intercâmbio assimétrico entre literatura e ciências sociais e, particularmente, entre localismo (ou provincianismo) e cosmopolitismo (ou universalismo).

Ao definir sua relação com JLR, Freyre repete a noção tradicional de que a verdadeira amizade é única e rara e que ela não deve nunca ser confundida com a camaradagem comum:

Sua vida transbordou de tal maneira na minha que desde que o conheci deixei de ser um só para ser quase dois. Nunca ninguém, *sendo do meu sexo, mas não do meu sangue*, me deu mais compreensão e mais afeto. Compreensão e afeto nos momentos mais difíceis para uma amizade no Brasil; país de muitas camaradagens fáceis, mas de raras amizades profundas. (*Diário de Pernambuco*, 15-10-1957, ênfase minha)

O texto de Freyre tem paralelos claros com o ensaio de Montaigne “De l’amitié”, onde este escreve que a verdadeira amizade, como a dele e de Etienne de La Boetie, acontecia no máximo a cada trezentos anos, e para quem a amizade ao mesmo tempo que une, duplica [“celuy qu n'est pas autre c'est moy. C'est un assez grand

miracle de se doubler”]. Freyre sugere que essa verdadeira amizade é fraterna sem ser consangüínia e não deixa de ser (homo-)sexual, sem no entanto ser genital. Ou seja, ele lança mão de um recurso bastante seu, que é de usar conceitos biológicos metaforicamente, como a noção de “simbiose” no trecho acima e, em outros textos, o próprio conceito de “raça” que se torna cada vez menos dissociado da genética.

É curioso no entanto que Freyre insista que a “camaradagem fácil” seja tipicamente brasileira, e que no Brasil haveria pouco espaço para “amizades profundas”. Essa idéia parece ir de encontro a algumas de suas definições de Brasil, inclusive as de democracia racial, assim como de outras intepretações baseadas em noções de uma chamada “cordialidade” brasileira. Esse Brasil de poucos amigos a que ele se refere sem dúvida é o Brasil de uma certa elite intelectual pernambucana dos anos vinte, mas talvez haja também aqui um pouco da conhecida nostalgia freyriana em relação a um tempo em que o Brasil fosse caracterizado por verdadeiras e autênticas amizades, ou seja, relações fraternas que excluiriam a diferença e o conflito. Pois o modelo da amizade utilizado por Freyre (e Montaigne) é antes de mais nada o da identificação e do duplo, marcada por uma constante busca de equilíbrio, mas nunca o modelo do antagonismo ou da diferença.

Dentro de um Brasil de falsos amigos, o nome de JLR vem a ser uma exceção, uma promessa de reintegração e de transformação da sociedade brasileira através da volta da verdadeira amizade. Em artigo de 1978 (entitulado “José Lins do Rego e eu: qual dos dois influiu no outro?”) Freyre descreve o encontro decisivo e a relação que se estabeleceu entre os dois jovens intelectuais da seguinte forma:

À convivência comigo – principalmente de 1923 a 1925 – José Lins do Rego atribuiu alteração profunda em sua vida. Da minha parte, não sei como teria me reintegrado em certos aspectos da vida do meu país, do qual me ausentara menino para voltar a Pernambuco homem feito – dos vinte e dois para os vinte e três anos, se me tivesse faltado, logo após a província, a mediação de José Lins do Rego ... (*Alhos e Bugalhos*, 35)

A ausência do “meu país” e o regresso a “Pernambuco” marcam uma distância e uma incongruência, de modo que a “província” torna-se o espaço do estranho e do incompreensível (inclusive no sentido freudiano de *unheimlich*). Segundo o depoimento de Freyre, o “provinciano” José Lins do Rego teria desempenhado um papel fundamental enquanto mediador e tradutor de uma realidade que se tornara estranha ao jovem que retornava ao Brasil depois de vários anos de exílio. Já em 1924, em carta a José Lins, Gilberto Freyre definia essa mediação entre o completamente estranho e o absolutamente familiar por meio de uma linguagem que nos remete a noções de que ele mesmo com frequência se utilizaria para descrever o encontro colonial e a relação (segundo ele “simbiótica”)

entre senhor e escravo, reproduzindo um certo discurso colonial/etnográfico em que o encontro com o outro é sempre uma forma de construção e legitimação do “eu”:

Sinto em você influência minha, não por macaqueação, mas por plástica (sic), conservando você certo sabor selvagem de temperamento. Admirando-o e amando-o admiro e amo um tanto a mim mesmo, pelo que encontro em você de mim. Eu não o esquecerei, meu caro, pois o contacto com a sua desorientada juventude veio em dias muito ruins para mim: de muito amargor. (Carta de 13 de agosto de 1924, de GF a JLR).

Assim, o que Freyre considera como sendo o “sabor selvagem de temperamento” de José Lins do Rego torna-se acima de tudo uma forma de auto-reconhecimento, para não dizer de puro narcisismo. Segundo o depoimento do sociólogo, ele teria se beneficiado do companheirismo e da personalidade de José Lins para reintegrar-se a sua terra natal e, além disso, reassimilar a realidade local e suas próprias origens pernambucanas em novos termos, ou conforme uma nova linguagem que ele adquirira e desenvolvera durante sua estadia nos Estados Unidos e Europa de 1918 a 1923. Já em seu diário de juventude, Freyre comentava, em entrada datada de 1923, como lhe parecera conflituosa a sua volta ao Recife:

O que sinto é que sou repellido pelo Brasil a que acabo de regressar homem, depois de o ter deixado menino, como se me tivesse tornado um corpo estranho ao próprio Brasil. (*Tempo Morto e Outros Tempos*, 128)

A ausência do Recife, as experiências no estrangeiro e a educação cosmopolita coincidem com o período da adolescência de Freyre, que agora regressa transformado, já homem e com a bagagem de uma maturidade digna de um europeu. É como se o Brasil fosse um país de meninos, onde a chegada de um homem tivesse causado uma certa estranheza –note-se inclusive que na passagem “depois de o ter deixado menino”, a palavra menino pode se referir tanto a Freyre como ao Brasil. José Lins, em sua personalidade que poderia ser chamada de “selvageria plástica”, parece oferecer a Freyre um renovado acesso à essência (vista como quase infantil) da cultura brasileira– uma essência da qual o próprio José Lins, em sua ingenuidade, não teria consciência e, logo, à qual não teria acesso sem a mediação de seu novo amigo, homem adulto e cosmopolita. Assim, o papel desempenhado por José Lins nesse processo teria sido importante para Freyre não somente porque o amigo fora um tradutor e espécie de informante, mas sobretudo porque Freyre vê nele uma oportunidade de reatualizar e dar novos significados ao processo (um tanto traumático, ao que parece) de sua partida e (re)descoberta do Brasil; por meio do jovem amigo, Freyre parece reescrever sua própria trajetória de estranhamento e auto-reconhecimento enquanto passagem de menino a homem. Mas essa passagem é feita de forma invertida, por meio de um espelhamento em que o amigo José Lins deve passar de homem a

menino, numa regressão que levaria à essência da cultura brasileira. É como se a identidade de Gilberto Freyre adulto só se completasse com o seu espelhamento em um José Lins do Rego menino.

Apesar de se sentir um estranho em seu próprio país (ou um homem num país de meninos), Freyre logo vem a se considerar o melhor, o verdadeiro intérprete do Brasil, condenando assim o nacionalismo e xenofobia dos intelectuais da província que o criticavam, assim como a inveja que eles sentiam de seu cosmopolitismo. Freyre argumenta que o acesso que eles teriam à essência do Brasil é, no fundo, limitada, ou até mesmo equívoca, em contraste com sua mais autêntica identificação: “A verdade é que eu me sinto identificado com o que o Brasil tem de mais brasileiro” (TMOT, 128). Como veremos, Freyre parece acreditar ter sido o responsável pela transformação e pela maturidade do intelectual nordestino, e José Lins do Rego teria sido o primeiro dos iniciados, ou seja, o primeiro a se beneficiar de seus ensinamentos.

É claro que José Lins do Rego nem sempre aparece como passivo, ou mero objeto da narrativa de troca intelectual e sentimental construída por Gilberto Freyre, já que ele também muitas vezes participa ativamente da construção desse discurso sobre a verdadeira amizade que existiu entre os dois. Na verdade, José Lins parece mesmo tirar grande prazer em recontar a história daquele encontro e do impacto que um imediatamente teve sobre o outro. De modo que, enquanto José Lins era retratado por Freyre como uma personalidade “selvagem”, ele por sua vez descreve seu amigo sociólogo como o típico conquistador europeu, espécie de cronista ou etnógrafo em busca de um informante nativo. E o modelo desta amizade continua a ser, em grande parte, o aristotélico, em que Montaigne também se inspirara, ou seja, aquele em que o amigo seria definido como “uma só alma ocupando dois corpos”³. Assim, a questão da autoria parece ser irrelevante nessa relação que se quer simbiótica, relação que leva tanto à fusão quanto a desdobramentos, e onde escrever sobre o outro equivale a escrever sobre si mesmo. José Lins, como Freyre, escreve repetidamente que se sentia incompleto sem seu amigo, e que este representava tudo aquilo que lhe faltava.

Mas nota-se que nesse espelhamento e nesse intercâmbio permanece sempre uma certa assimetria, e é como se José Lins tivesse escrito não somente para se realizar enquanto escritor, mas sobretudo para completar uma obra cujas bases foram criadas por Gilberto Freyre. É verdade que, nesse seu desejo de participar da obra e do mundo criados por GF, JLR até tenta inverter as posições, e fazer de seu amigo o assunto e personagem central de um de seus primeiros livros. Sabe-se, a partir das cartas de José Lins do Rego (assim como de seu já citado artigo de 1933) que ele teria escrito duzentas páginas de um ensaio biográfico sobre Freyre, a-

barcando desde sua primeira juventude até o ano de 1929⁴. Um ano depois de ter conhecido Freyre (em 1923), José Lins já mostrava intenções de trabalhar nesse projeto, como se conclui de um trecho de carta escrita a Freyre em 30 de setembro de 1924. Dessa carta, o próprio Freyre, em sua maneira contorcida de sempre falar de si mesmo a partir de elogios a outros, publicaria, em 1962, alguns trechos editados (segundo ele, para preservar o amigo) e incluídos em um artigo seu intitulado “Recordando José Lins do Rego”. Curiosamente, esta carta escrita por José Lins a Gilberto Freyre comenta esse projeto de se dedicar à biografia do amigo no contexto da frustração de seu matrimônio, recém contraído e, ao que tudo indica, por conveniência:

Casei no dia 21 de setembro, como lhe mandei dizer [... o trecho seguinte foi omitido no artigo de Freyre: “Casei-me mais por uma necessidade de ordem que de coração. Américo de Almeida compreendeu muito bem a minha situação”.] Estou ainda em experiência. Tenho lido muita coisa. Eu quero por todo este ano escrever o meu ensaio sobre você. Para isto cuido ir aí conversar. Tenho por este trabalho toda uma volúpia de passar a minha vida inteira trabalhando nele. Porque se existe escravatura mental eu sou um seu escravo. Tenho por você um arrebatamento a que Deus há de dar bastante espírito para não se dissolver em ridículo. (Freyre, *Vida, forma e cor*, 60)

Em contraste com a falta de compromisso que ele revela em relação a sua mulher, é surpreendente como José Lins mostra um desejo de se dedicar a Freyre com toda a sua “volúpia”, um desejo extático de passar *toda sua vida* trabalhando nesse projeto sobre a vida e pensamento de um amigo que na época tinha não mais do que 24 anos de idade. Freyre aparece como uma promessa de realização e uma compensação para uma vida emocionalmente insatisfatória. Mais revelador ainda é o fato de José Lins definir esse compromisso como uma forma de “escravidão” em relação a Freyre, o homem que passaria sua vida dedicado ao projeto de explicar e justificar as relações entre senhor e escravo na família patriarcal brasileira. A amizade (como de costume) é aqui definida como superior ao amor conjugal, mas ela vem a adquirir conotações de poder que remetem ao passado colonial e escravocrata brasileiro, modelo para Freyre de um equilíbrio que teria se rompido.

Em sua homenagem a JLR, Freyre acaba incorporando e se apropriando da admiração e da submissão servil do amigo, ao mesmo tempo em que transforma sua própria posição de dominante e dominador em uma espécie de simbiose que, em outro contexto, ele viria a chamar também de “equilíbrio de antagonismos”. Se por um lado JLR se confessa uma espécie de “escravo” de seu amigo, por outro Freyre não recusaria a posição do senhor que, se não domina completamente, é porque ele se vê vítima do poder sedutor daquele que se *oferecia* ao jugo do mestre:

reconheço ter sido para José Lins do Rego, nos dias mais plásticos da sua formação literária, um mestre e mesmo um professor. Não resisti à sedução de sê-lo, tratando-se de alguém que se oferecia à minha influência com a maior plasticidade... Foi como se nele a personalidade toda, já um tanto deformada pelo meio em que vivia, se tivesse tornado inteiramente dúctil para que o amigo da sua mesma idade a destorcesse para a formar de novo, com uma liberdade semelhante à de um escultor, senhor, quase absoluto do seu barro. Fui por algum tempo senhor quase absoluto dessa personalidade indecisa. (VFC, 70)

Talvez porque tivesse interesse em manter a dinâmica da hierarquia, Freyre não iria aprovar o projeto de José Lins de escrever um livro sobre ele e, além disso, parece tê-lo persuadido a interrompê-lo. É como se ele não quisesse se ver na posição (por assim dizer) passiva de personagem, ou tornar-se objeto do discurso de seu discípulo, o que poderia inverter os termos da oposição entre o “escravo mental” e o “senhor absoluto”. Assim, Freyre logo “sugeriria” que o amigo interrompesse aquele trabalho, do qual já lera alguns trechos:

[u]ma verdadeira apologia. Elogioso do princípio ao fim. Entusiástico. Exuberante ... Mas, a meu pedido, sacrificou-o. Decidiu não publicá-lo. Já fizera o mesmo, aliás, com um ensaio, já composto e prestes a ser publicado –este, crítico, e, a meu ver, injusto– sobre Múcio Leão. (“Recordando, 60).⁵

Por um lado, pode-se dizer que Freyre estivesse protegendo o amigo ao censurar o resultado de suas primeiras obras, mas parece também que passar de autor a personagem criaria um certo desequilíbrio na relação, além de pôr em risco a própria imagem de si mesmo que Freyre se esforçava por construir.

No entanto, Freyre faz questão de lembrar a tentativa de JLR de escrever tal apologia que, no caso, não seria a seus olhos tão “injusta” quanto a crítica a Múcio Leão. Freyre na verdade reapropriou-se desse projeto que, no final, parece aumentar-lhe a hegemonia sobre seu discípulo. Na verdade, vale dizer que Freyre não se opôs ao livro desde o início. Em carta de 27 de junho de 1927, ele chega mesmo a incentivar José Lins a levar sua idéia adiante:

Quanto ao ensaio, esse me apetece, e acho que você, me conhecendo como já me conhece, pois é hoje a pessoa mais íntima minha, poderia fazer uma cousa de verdade e interessante – pois em mim o pessoal muito explica o quase nada de impessoal...e acho que você e o Olívio [Montenegro] são as pessoas para o fazerem de maneira franca, pois tendo tido sempre a coragem de se confessar decisivamente influenciados por mim – embora por nenhum espírito de escola nem cousa desse jeito – estão à vontade para apontar os muitos casos daqueles que, fumando pontas de cigarros já fumadas por mim – o que é um risco de pegar doença – tomam ares de quem fuma cigarros recebidos diretamente de Londres. (trecho de carta citado em Figueiredo Jr, 55).

A idéia de Freyre parece ser que um de seus amigos escrevesse um livro esclarecendo sua influência sobre todo um grupo de imi-

tadores (espécie de fumantes passivos) que, ao contrário dele, não tiveram acesso direto à cultura inglesa, incorporada e assimilada por ele de primeira mão em suas viagens a Londres. Já em carta escrita a 4 de agosto do mesmo ano, Freyre sugere ainda que José Lins mude o título do livro de *Obra de Pensamento do Sr. Gilberto Freyre* para *Gilberto Freyre em Pernambuco*: “Uma cousa mais humana e mais parecida comigo... Um título que simplesmente una ao nome de Pernambuco o meu nomezinho espevitado...” (Figueiredo Jr., 56). Ou seja, o retrato imaginado por Freyre parece ter sido um que, por um lado, reconhecesse sua formação européia e, por outro, que contribuísse para sua identificação com a paisagem pernambucana e o novo ambiente intelectual de Recife.

José Lins teria sido um dos primeiros iniciados à sofisticação de pensamento introduzida por Freyre, o primeiro a fumar de suas “pontas de cigarro”. Em seus depoimentos, tanto Freyre como José Lins insistem em que, antes de se conhecerem, José Lins não passava de um jornalista de província que escrevia propaganda política para a oposição: “Por esse tempo eu era um jornalista de oposição, exaltado pelo panfleto político. Tudo em mim era para desagradá-lo: o meu jeito de viver desregrado, os meus assuntos, a minha vida de rapaz ignorante” ... (RT, 22)]. Enquanto para Freyre seu melhor amigo proporcionara-lhe a possibilidade de um retorno ao Brasil, segundo o escritor da Paraíba, ele – assim como vários de seus contemporâneos da província – teria tido contacto pela primeira vez com o “mundo” por meio do cosmopolitismo de Gilberto Freyre. José Lins chega a definir-se a si mesmo como uma criação de Freyre e confessa que, antes de conhecer o mestre, tinha uma “natureza fraca” e vivia sem nenhuma direção: “Escrevo sobre ele, e quase falo de mim mesmo, *tanto me sinto obra sua*, tanta influência exerceu sobre a minha pobre natureza, tão sujeita aos ventos e aos tormentos das tempestades” (RT, 34, ênfase minha). Assim, ser obra de GF não é, para JLR, motivo de vergonha; ao contrário, a subordinação ao mestre legitima seu trabalho e o inclui dentro de um novo “mundo”: não só o “mundo” que Gilberto Freyre criou, mas o “mundo” que se opõe à vida supostamente limitada da província: “Começava assim a existir para mim um outro mundo, o mundo das idéias, o mundo das artes” (RT,23).

José Lins não hesita em reconhecer que o encontro com GF representou o início de sua “existência literária” (RT, 22) e reitera o quanto sua identidade de escritor foi definida graças à figura poderosa de Freyre:

E a minha aprendizagem com o mestre da minha idade se iniciava sem que eu sentisse as lições. Começou uma vida a agir sobre outra com tamanha intensidade, com tal força de compreensão, que eu me vi sem saber dissolvido, sem personalidade, tudo pensando por ele, tudo resolvendo, tudo construindo como ele fazia... Ele era tudo o que eu não tinha. (RT, 23)

Assim, José Lins renuncia à posição de autor de um discurso sobre seu amigo e se submete aos auto-proclamados poderes criativos de Freyre, confirmando a opinião do amigo de que ele teria uma personalidade “plástica”, e que Freyre representava para ele a personalidade viril que lhe daria aquilo que lhe faltava, como o vento que lhe mostraria uma direção sempre bem definida.

Os momentos idílicos vividos com Freyre, ouvindo sua voz e aprendendo com sua inteligência, introduz José Lins também a uma nova relação com o meio ambiente. Ele agora é direcionado por uma nova concepção de si mesmo enquanto um efeito do “Nordeste”, no caso condensado na imagem do vento que soprava sobre a casa de Freyre: “Soprava sobre o Carrapicho o nordeste camarada e no silêncio do sítio pernambucano, debaixo das jaqueiras matriarcais, Gilberto por muitas vezes me lia os seus artigos. (RT, 25). Freyre é, assim, metonimicamente associado ao vento, o chamado Nordeste, que é também qualificado de espécie de amigo, ou de “camarada”.

São os artigos do próprio Freyre, lidos em voz alta pelo autor, que proporcionam a José Lins a oportunidade de estar em contato com a atmosfera do Nordeste que, a partir de então, o inspiraria para sempre. Com a mediação de Freyre, José Lins parece acreditar ter (re)descoberto não só a si mesmo, mas também o verdadeiro significado de Pernambuco (seu lado “universal”) e, logo, o verdadeiro sentido do nordeste e de todo o Brasil. Para JLR, é como se Freyre fosse o filho que estivesse finalmente voltando a sua terra natal, onde a sua “noiva” – ou seja, a província, o Pernambuco encoberto e o escritor provinciano chamado Lins do Rego – o esperasse submissamente para que ele lhe revelasse sua verdadeira identidade:

Fui vendo que havia o Brasil, que havia uma grandeza brasileira, com raízes sólidas, plantadas pelo lusitano que tanto se desprezava. O retorno desse nativo era como o de um noivo que viesse mesmo para se casar com a terra e que se quisesse integrar inteiramente nela... O Pernambuco que Gilberto Freyre queria para sua paixão, para os seus regalos, para a sua ternura, era o Pernambuco que ninguém via, o subterrâneo ... (RT, 23)

Em 1924, Freyre escreve em seu diário que esse reencontro, que ele mesmo promovera, de José Lins com o seu país e com sua própria identidade, teria sido como uma espécie de “conversão”, em última análise uma volta às origens que se refletiu na aceitação de seu próprio nome cristão, José, que até então era omitido de sua assinatura:

Consegui do J.L. do R. – a quem venho procurando ensinar inglês–... que deixasse de assinar seus artigos “Lins do Rego” e passasse a ser José: José Lins do Rego ... O próprio Machado de Assis creio que deveria ter

conservado seu nome cristão ... Creio que passando a assinar seus artigos “José Lins do Rego”, J.L. do R. mostra ter se libertado do furor panfletário que o vinha desviando de sua verdadeira vocação: a de escritor. E para essa sua reintegração, creio ter concorrido um pouco. (TMOT, 142-143)

Mas ao mesmo tempo em que ele representa o próprio nordeste, Freyre faz o papel de um mediador que promove o acesso a experiências universais, dando-lhe formação intelectual cosmopolita a partir do estudo de línguas e literaturas – especialmente a inglesa. Em 1942, no prefácio ao livro *Ingleses* de GF, JLR revelaria o significado dessa sua descoberta da Inglaterra através da voz de Freyre: “Foi ouvindo-o, numa manhã de muito sol tropical, de muita luz, que me liguei, pela sua prosa poética, àquela terra brumosa, de céus escuros, de silêncios fecundos” (12). Segundo JLR, Freyre trouxera um pouco da Inglaterra para o Brasil (mesmo que esse pouco fossem “pontas de cigarro” que portassem um certo “risco de pegar doença”); fora ele quem lhe ensinara a amar aqueles que JLR, na esteira de Freyre, chama de “gente-síntese da humanidade” (15). Graças a ele, JLR aprendera que os ingleses eram um modelo privilegiado do novo intelectual de elite, já que lá “existia, ao lado das massas, uma elite de espíritos abertos a todas as influências e em correspondências com o mundo, ligada aos fins ideais e universais” (*Ingleses*, 16). Freyre é assim identificado a esse inglês “universal”, ou seja, o inglês da elite que, *ao lado das massas* se abre a “influências”. É assim que, ao traduzir os textos dos ingleses para JLR, é como se Freyre lhe apresentasse o “mundo”.

Freyre faz o papel de missionário que, em vários níveis, leva o jovem intelectual de província a renascer intelectualmente⁶. Já em 1926, Freyre comentava em seu diário o impacto de seu estilo não somente sobre JLR, mas sobre a comunidade intelectual pernambucana: “Vejo que A. [?], tanto quanto J.L., O. [provavelmente Olívio Montenegro] e M.L. [Múcio Leão?], está imitando meu estilo. Não imagino: quem duvidar que leia seus últimos artigos”. (TMOT, 179). Bem mais tarde ele ainda repetia que teria contribuído para a revelação de José Lins do Rego, ou seja, para sua transformação do panfletário em escritor:

Dessa conversão, dessa transformação, dessa revolução na vida de um homem de vinte e poucos anos é que ia nascer um dos maiores romancistas da nossa língua e, sob certos aspectos, o maior. (*Alhos e Bugalhos*, 49).

Mas sendo JLR obra sua, toda a criação daquele seria também como que uma extensão de si mesmo. Por isso, se Freyre convenceu José Lins a desistir de seu desejo voluptuoso de escrever sua biografia, ele não deixará de tentar convencê-lo a escrever sobre aquilo que ele personifica, ou seja, o Pernambuco e o nordeste em geral que ele idealizara a partir de sua formação “inglesa” e, por-

tanto, “universal”. Pois assim como José Lins não estaria completo sem a contribuição de Freyre, também o nordeste (provinciano) precisava ser revelado por meio de sua nova visão do regional, e ninguém melhor para ajudá-lo a fazer isso do que seu amigo, discípulo e servo.

Com efeito, Freyre mais de uma vez chama a atenção para o fato de que fora ele quem inspirara e mesmo concebera, não só o autor de *Menino de Engenho*, mas, de certo modo, o próprio romance. Segundo Freyre, teria sido um texto de sua autoria que inspirara o romance *Menino de Engenho* de José Lins. O momento da conversão do panfletário a escritor coincide justamente com o da publicação desse seu texto, intitulado “Vida Social do Nordeste”, no famoso *Livro do Nordeste* de 1925, onde Freyre teria registrado sua idéia original:

Em 1933, escrevia-me do Rio de Janeiro a respeito de um livro novo do qual já me lera durante uma manhã inteira, dizendo-o inspirado em meu projeto de uma reconstituição da vida de menino no Brasil – nos engenhos e nas cidades. Projeto já publicado por mim em certos trechos de “Vida social do Nordeste. (‘Recordando ...’, 57).

Em 1924, Gilberto Freyre já comentava em seu diário sobre suas intenções de escrever uma narrativa que fosse baseada em sua própria infância, segredo que ele teria confiado a seu companheiro:

Descubro a J.L. do Rego o meu segredo: o livro que, nos meus raros momentos de ânimo, desejo escrever. Um livro sobre a minha própria meninice e sobre o que tem sido nos vários Brasis, através de quase quatro séculos, a meninice dos vários tipos regionais de brasileiros que formam o Brasil. Mostro-lhe as notas que já tenho sobre o assunto. Peço-lhe que guarde o segredo. Não quero que ninguém saiba que me preparo para escrever este livro diferente de todos os livros... (TMOT, 139-140).

Ao escrever *Menino de Engenho* – e não um ensaio sobre Gilberto Freyre – JLR realiza pelo menos parte do projeto de seu amigo/mestre, sem deixar por isso de ser considerado o verdadeiro autor do romance, já que a amizade dos dois é vista como uma colaboração. Ao mesmo tempo, GF se apropria da obra de JLR, fazendo-a, mais do que simplesmente inspirada, quase que uma extensão ou uma ilustração de seu pensamento. Se Freyre parece estar sempre “por trás” de José Lins, é porque Freyre se situa como idealizador de uma nova visão de Brasil que faltava à província de José Lins, mas que este é finalmente capaz de levar a cabo em sua obra de “ficção autobiográfica”.

Assim, a troca que se dá entre Freyre e JLR se define por uma suposta simbiose que na verdade legitima a hegemonia não só de um pensador, mas de uma escola que, ao mesmo tempo que se vê intimamente ligada às fontes inglesas, européias, e universais, teria capacidade para revelar um Brasil que, até então, ninguém era capaz de ver. Gilberto Freyre torna-se assim a própria imagem do

cosmopolitismo inglês e por isso atribui a si mesmo a missão de converter os provincianos – como se esses fossem meninos que se metem a falar como adultos – em cosmopolitas. Tal conversão, segundo sua concepção de regionalismo, se dá através de uma regressão à infância do país, assim como através de sua nova ótica européia. Freyre associaria assim seu nome tanto ao Pernambuco local (e, logo, ao Brasil) quanto à Inglaterra “universal”. Ou seja, Freyre representa-se a si mesmo tanto como uma fazenda arejada pelo “vento nordeste” como a urbe encoberta pela “bruma inglesa”. Tal imagem se concretizaria na própria imagem da cidade do Recife, que ele considera uma intermediária entre o Brasil autêntico e a Europa universal.

Rego insiste em tornar público o quanto Freyre dera um novo sentido de direção não só para ele, mas para todo um grupo de jovens recifenses desorientados, e lembra como nos anos vinte ele representara uma virada na história intelectual do país. Em 1933, José Lins comentaria o impacto das idéias e personalidade de Freyre em sua formação, e também na educação dos mais proeminentes intelectuais de Pernambuco e do Brasil em um artigo celebrando a iminente publicação de *Casa Grande e Senzala* (Fonseca, 39-42)⁷ e divulgando a importância de seu autor para toda uma geração de “nordestinos” que, antes da volta de Freyre, pareciam não ter expressão nenhuma: “Naquela época nós estávamos no Brasil à vontade dos ventos, sem firmeza em cousa nenhuma...” (“O próximo livro...”, 39).

Em artigo publicado no “Diário de Pernambuco” (a 15 de setembro de 1957, por ocasião da morte de José Lins do Rego), Freyre definiria o encontro e o início de sua amizade com José Lins como um verdadeiro marco na vida intelectual do Recife e, logo, na história cultural do Brasil. Essa amizade representaria, segundo Freyre, a origem de sua nova e revolucionária maneira de entender o país, uma filosofia que os dois escritores, juntos e cada vez mais identificados um ao outro, teriam inventado. Por outro lado, pode-se dizer que a morte de José Lins do Rego em 1957 representaria para Freyre o início do declínio de uma geração e o fim de sua hegemonia sobre todo um grupo de discípulos e imitadores. Ou seja, mais do que um simples companheiro, JLR de certa maneira é também a mais representativa imagem de tudo aquilo que ele teria construído, e de toda a geração que viveu sob sua tutela e orientação:

O mais constante, o mais compreensivo, o mais leal dos meus companheiros de geração. Aquele a quem mais me abandonei e aquele de quem mais recebi. Aquele em que mais confiei e aquele que mais confiou em mim. Aquele em quem eu mais me senti e aquele que mais se sentiu em mim. Aquele que, vivo, era parte da minha vida e morto é o começo da minha morte. Mais do que isto: o começo da morte de toda uma geração. São vários os que começam a morrer com sua morte. (Diário de Pernambuco, 15-10-1957)

Segundo Freyre, a literatura regional que no Brasil marcou toda uma época precisara do apoio ideológico de suas teorias (trazidas da Europa e dos Estados Unidos) para encontrar sua exata expressão. Freyre sugere que os dois amigos, ao completarem-se e “interpenetrarem-se”, foram responsáveis pelo desenvolvimento de uma nova filosofia da interpretação do Brasil, dando origem assim ao chamado “romance do nordeste” cujo verdadeiro idealizador teria sido, não obstante a significativa contribuição de JLR, o próprio Freyre natural do Recife:

... uma filosofia de certa altura em diante, tão de José Lins do Rego como minha. Mas sempre *irradiada do Recife*, e cuja elaboração primeiro se fez durante o contato do seu mais remoto idealizador com meios universitários estrangeiros e com movimentos intelectuais e artísticos de vanguarda dos Estados Unidos e da Europa, no segundo e no terceiro decênios do século atual. (Recordando..., 57)

Freyre enfatiza que tal filosofia se irradiava do Recife, mas que este agora se tornara um outro Recife, não aquela província de mau gosto e poucos amigos, mas um Recife já convertido, transformado pelas sementes do regionalismo do jovem Freyre (“seu mais remoto idealizador”) que regressava com novas idéias da Europa e dos EUA. Essa filosofia, Freyre sugere, teria sido adotada pelo José Lins de *Menino do Engenho* e por todos os outros verdadeiros regionalistas no Brasil.

Apesar de se considerar seu principal (se não único) idealizador, Freyre admite que o regionalismo não poderia ter se desenvolvido sem a contribuição de José Lins que, mesmo sendo da Paraíba, não deixava de ser um escritor essencialmente pernambucano. Em artigo publicado no *Diário de Pernambuco* e intitulado “Regresso à província”(1936), Freyre, após declarar seu amor a Pernambuco escreve que Recife (do mesmo modo que sugerira em relação a si mesmo e a sua própria obra) estava incompleto sem José Lins do Rego (*Região e tradição*, 260). Assim, a relação simbiótica, complementar e fraterna que existia entre José Lins e Gilberto Freyre não pode ser dissociada daquela que metonimicamente liga os dois companheiros à redescoberta e reinvenção do Recife e, logo, à invenção do regionalismo brasileiro. A partir do encontro entre amigos verdadeiros e na relação que a partir daí se estabelece entre o cosmopolita e o provinciano, Recife também se completa e, além disso, se transforma, não em algo diferente, mas naquilo que sempre fora, mas que se perdera em algum momento no passado.

No prefácio ao livro *Região e Tradição*, de Gilberto Freyre (publicado em 1941 e republicado em *Gordos e Magros*, de José Lins do Rego, p. 116-133), José Lins também ressalta a importância da capital pernambucana em seu primeiro encontro com Freyre em 1923:

“Foi numa tarde de Recife, do nosso querido Recife, que nos encontramos, e de lá para cá a minha vida foi outra, foram outras as minhas preocupações, foram outros os meus planos, as minhas leituras, os meus entusiasmos. Pode parecer um romance, mas foi tudo realidade” (RT, 21).

Esse encontro romanesco e com efeito quase romântico não pode ser dissociado do ambiente da cidade do Recife (“foi numa tarde de Recife”); segundo José Lins, a partir de então, não só ele, mas toda a cidade teria passado por uma profunda transformação. Pois, segundo ele, na época Recife estava quase doente, era uma cidade provinciana contaminada pelo mau gosto e de uma modernização muitas vezes artificial: “O Recife em plena inflação de mau gosto. Conheci Gilberto Freyre nessa época de prosperidade e estupidez” (RT, 22). Mas com o regresso de Freyre à terra natal, nem José Lins, nem o Recife seriam os mesmos. O provincianismo que a princípio se associava ao nome de José Lins esperava para ser transformado pelo cosmopolitismo associado ao nome de Freyre – que por sua vez teria acesso à essência mais autêntica do Brasil através do “menino” José Lins.

Em outras palavras, a conversão de José Lins do Rego a escritor regionalista é, segundo essa narrativa, também o resultado da influência que o Recife de Gilberto Freyre teve sobre ele. JLR muitas vezes identificava a cidade ao seu mestre, e sugeria que a influência que recebera de um se confundia com a do outro: “O Recife influenciara muito a minha vida... Até 1923 nada tinha lido de importante. Conheci Gilberto Freyre e mudei a minha vida por completo” (*Alhos e Bugalhos*, 51). Mas como se vê, há para Freyre (e para José Lins) dois Recifes, assim como há um Lins do Rego e um José Lins do Rego: um provinciano, retórico, artificial, infantil, e outro que reinterpreta a infância pelo prisma cosmopolita (e não obstante cristão) introduzido por Freyre. Essa diferença e o caráter dessa conversão fica claro em artigo de 1982, publicado na revista *Ciência e Trópico* (sugestivamente entitulado “Em torno da Recife-fensização de José Lins do Rego”), em que Freyre declara que não somente José Lins descobriu-se a si mesmo em decorrência da amizade dos dois, *mas que ele ficara ainda mais paraibano* quanto mais ele se tornava recifense. Pois, segundo Freyre, somente o cosmopolitismo equilibrado do Recife –ao contrário do cosmopolitismo excessivo e inautêntico de São Paulo e do Rio de Janeiro– poderia ter oferecido a José Lins os meios para entender a autenticidade do seu estado natal, a Paraíba. Mas acontece que esse cosmopolitismo de Recife estava adormecido, e só teria sido ressuscitado com sua volta da viagem à Europa e aos Estados Unidos.

Freyre sugere ainda que não obstante seu amigo e discípulo ter nascido e crescido na Paraíba, esta já era “quase Pernambuco” (180). Além disso, JLR não tinha consciência de seu passado de “menino de engenho” até que o “Recife, recifensizando-lhe as perspectivas”, o levou a descobrir-se a si mesmo:

... numa Paraíba quase Pernambuco, ele foi menino sem se aperceber de que essa meninice o enriquecera de experiências valiosas que o Recife, recifensizando-lhe as perspectivas, e o Livro do Nordeste, publicado em 1925 . . . fixando de modo rápido a figura do “menino do engenho”, faria que ele descobrisse, surpreendido de terem sido experiências... tão intimamente suas. (“Em torno...”, 181).

Assim, o autêntico paraibano, o menino verdadeiramente brasileiro, fora descoberto no e pelo Recife de Gilberto Freyre. Por meio de uma profusão de neologismos desajeitados, Freyre primeiro contrasta a terra natal de José Lins, a Paraíba, que seria “rural e ruralizante” com sua Recife, essencialmente “urbana e urbanizante” (175). Mas segundo Freyre, José Lins pertencia tanto a Pernambuco quanto à Paraíba, pois os dois estados também participam de uma relação que poderia ser chamada de simbiótica: “a Paraíba de sua imediata origem de família, das suas raízes mais telúricas de começos Cavalcantamente e canavieiramente pernambucanos, avigorados pela Paraibanização magnífica” (175). Ou seja, em Recife, JLR teria descoberto sua verdadeira paraibanidade mas também o fato de que a Paraíba, em sua origem, nada mais é que pernambucana. Mais uma vez se estabelece o tipo de intercâmbio em que um dos termos é inevitavelmente privilegiado. Por meio de um jogo rebuscado de advérbios e participios, Freyre sugere que a Paraíba, em sua origem, já tinha uma dívida em relação a Pernambuco, ou que um estado estava incompleto sem o outro, do mesmo modo que JLR, sem o Recife (ou sem Freyre), “dificilmente teria se transprovincianizado, do modo como que se transprovincianizou, antes de chegar ao Rio, já capaz de falar a cariocas, como igual para igual” (175). Para Freyre, o Recife, mesmo sendo um tanto provinciano, era “quase tão cidade como o Rio”. E, logo, “o recifense, sendo um provinciano, é também um urbanita”. (175) Assim, é como se o Recife fosse o próprio paradoxo, o equilíbrio de antagonismos que Freyre tanto preza; em outras palavras, Recife se constitui em sua própria imagem e semelhança, sendo que ele, não sendo um “recifensizado”, parece ser o mais recifense dos recifenses, ou a encarnação do próprio Recife.

Mas qual seria, para Freyre, a diferença entre um “recifense” e um “recifensizado”? Quase nenhuma: Recife tem o poder de assimilar tudo, e uma pessoa da província pode ir ao Recife e se tornar *como* um recifense, ou seja, quase urbano, um “recifensizado”: *quase*, pois para ser como um recifense, não se pode ser *demasiado* urbano nem *demasiado* moderno, nem “imitador de modernices européias, como o do Rio-São Paulo” (176)⁸. Recife seria, ao contrário, a mediação entre a província e a Europa e, mesmo não sendo do Recife, José Lins do Rego seria um exemplo de recifensizado:

José Lins empenhado, desde adolescente, no Recife, em assimilar europeísmos literários e sociais, seria, como escritor, de formação recifense, mais regional, mais telúrico, mais paraibano, no seu tipo social de ro-

mance e na sua linguagem, que o seu admirável predecessor carioca, nesse mesmo tipo de romance, Afonso Henriques Lima Barreto. (176)

Foi no Recife (e com Freyre) que JLR teria recebido os seus primeiros “impactos de europeísmos”. E é graças a esse “conjunto de valores, de característicos, de condicionamentos recifences e recifensizadores” que, segundo Freyre, JLR permaneceria sempre um “menino de engenho” (176). Para Freyre, ao ir para a capital pernambucana, José Lins estava “já em começo de ser *convertido* pelo Recife ao culto de tradições regionais”. (177). Tornar-se “recifensizado” significa não somente aprender valores europeus, mas, sobretudo, ser capaz de entender e valorizar a autenticidade de sua própria cultura regional –mesmo que esta não seja a pernambucana. Isto é precisamente o que, segundo Freyre, nem o intelectual de província, nem o supostamente cosmopolita do Rio ou São Paulo conseguem. Pois tudo o que estes últimos sabem fazer é imitar modas européias, enquanto os primeiros, antes de serem “convertidos”, não têm acesso à própria cultura de origem:

... os europeísmos chegados diretamente da Europa ao Recife passaram a envolver o adolescente vindo do interior da Paraíba sem nenhuma especial sensibilidade nem a valores teluricamente paraibanos nem a saberes sofisticadamente urbanos e urbanóides. O Recife, após contatos superficiais, passou a recifensizá-lo, europeizando-o. Modernizando-o. Transoceanizando-lhe as perspectivas. Desprovincializando-o no sentido de dar perspectivas refinadamente européias ao quase caboclo. Ao quase tapuio, como diria Euclides da Cunha. (178)

Paradoxalmente, segundo Freyre, JLR precisou transcender sua própria região para poder descobrir a essência da sua “paraibanidade”: “A recifensização de José Lins do Rego acrescentou nele, à pura e boa paraibanidade, uma consciência de valores rurais de sua região, enriquecendo-o. Fazendo-o nascer de novo” (178). Para Freyre, foi com a ida de JLR a Recife, e com o início de sua amizade com ele que JLR começou sua “tumultuada recifensização”, e quando “de panfletário passou a tornar-se um outro tipo de intelectual e, como tal, um valorizador daquelas suas raízes próprias e telúricas, de que se tornara quase inconsciente” (177). Mas até então Recife ainda não era esse Recife mediador, e sim um Recife “afrancesado” que, deduz-se que tenha também se transformado com a volta de Gilberto Freyre. Até então, JLR tinha assimilado apenas o lado mau de Recife, que ele mais tarde renunciaria: “condição negativamente recifence de panfletário demagógico – demagogice que foi nele uma má recifensidade” (179). [Como se sabe, durante esse primeiro período, JLR escrevia artigos para o *Jornal do Recife* e havia criado o jornal *Dom Casmurro*]. Freyre teria redirecionado essas tendências iniciais de seu amigo e de toda uma geração de pernambucanos que então entraram em contacto com “novidades literárias e transliterárias européias”: “Delas, José Lins do Rego vinha sendo informado, em grande parte, pelo talvez

seu maior amigo recifense, com a aura de recém-chegado da Europa, com estudos universitários nos Estados Unidos” (179).

Ao definir JLR como “um grande escritor brasileiro com alguma coisa de universal, saído do Nordeste” e “Paraibano paraibaníssimo de formação recifense: recifensíssima” (“Em torno...” 187), GF resume as diretrizes de todo o movimento regionalista elaborado por ele: “O regionalismo –repita-se quase didadicamente– lida com valores regionais transferíveis. Com o que há de transferível na natureza ou na vida regional. E não com o intransferível, o fechado, o tibetano” (*Alhos e Bugalhos*, 53)⁹. José Lins do Rego é a imagem de uma personalidade “plástica” ou do que chamaríamos de uma “autenticidade traduzível”. Antes de seu contato com Freyre-Recife, ele era inacessível a si mesmo, incompleto e sem linguagem. A amizade dos dois, e tudo o que ela representa em termos de homogeneização e de volta a um passado onde antagonismos se equilibram, ilustra o ideário do regionalismo freyriano. Freyre procura contornar a questão da sua influência sobre o seu melhor amigo e sobre seus contemporâneos fazendo dessa influência ou uma espécie de amizade ou uma decorrência da geografia. A amizade adquire contornos religiosos de fraternidade, sendo que mais e mais membros da cidade começam a ser convertidos e a se tornar membros dessa comunidade de amigos. Renasce assim a amizade autêntica, a partir de oposições que apesar de assimétricas, devem estar em equilíbrio: o mestre e o discípulo, o homem e o menino, a sociologia e a literatura, a Inglaterra e a Paraíba, todos se encontram na fundação, ou melhor, no renascimento de uma nova cosmópolis. No entanto, o equilíbrio no modelo da relação simbiótica e da interpenetração parece sempre instável, e há um risco que as posições possam se inverter. Além disso, há sempre a presença incômoda do fantasma da província, da diferença, do outro que não se traduz e não se corporifica nunca, uma realidade de “um Tibet cujo mistério só os iniciados pudessem compreender” (*Alhos e Bugalhos*, 38). Ao tentar dialeticamente resolver a oposição entre provincianismo e cosmopolitismo, Freyre de um lado privilegia sua educação européia e de outro exclui os recifensizados que nunca chegariam a ser verdadeiros recifenses como ele, fazendo-se de si mesmo exemplo de autenticidade e, ao mesmo tempo, de universalismo cosmopolita. No entanto, a oposição permanece, como se algo sempre resistisse à “transprovincianização” imposta pelo cosmopolitismo que, no fundo, nada mais é que uma forma de eurocentrismo¹⁰.

NOTAS

1. Devo aqui reconhecer minha dívida ao trabalho admirável de Nestor Figueiredo Jr. e do Ateliê José Lins do Rego, da Fundação Espaço Cultural da Paraíba, em João Pessoa, responsáveis pela organização do acervo e das correspondência passiva de JLR. Em seu livro *Pela Mão de Gilberto Freyre ao*

- Menino de Engenho*, Nestor também discute, de outro ponto de vista, (inclusive da questão da influência) a relação entre Gilberto Freyre e José Lins do Rego. Ver, especialmente, p. 134-148. No final deste trabalho listo outros trabalhos do pesquisador relativos à correspondência entre Freyre e Lins do Rego. Listo também outros textos de José Lins do Rego sobre Gilberto Freyre, mesmo se não foram citados no corpo do trabalho.
2. Além do trecho de Melo Menezes, a amizade entre José Lins do Rego tem sido discutida (e, em geral, celebrada) por vários outros autores, tais como José Aderaldo Castello, em seu *José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo* e no livro de Nestor Pinto de Figueiredo Jr. Consultar ainda os vários trabalhos de Edson Nery da Fonseca, em especial seu artigo “Amizades: Gilberto Freyre, José Lins do Rego e Odilon Ribeiro Coutinho”. O tema ainda é discutido no recente *Engenho e Memória* de Luciano Trigo.
 3. Toda essa questão da noção canônica de amizade é discutida em detalhe por Jacques Derrida, em seu belíssimo livro *Politiques de l'amitié*, em que esse trabalho até certo ponto se inspira.
 4. Em seu livro, Nestor indica que Diogo de Mello Menezes, em seu biografia de Gilberto Freyre, publicada em 1944, incluiu trechos do misterioso livro de José Lins do Rego.
 5. Muitos anos depois, Freyre repetiria que convencera José Lins a não publicar as obras que este teria escrito antes de *Menino de Engenho* – dois ensaios de crítica literária, um sobre Múcio Leão e outro contra Barbosa Lima Sobrinho. E volta a declarar que fora ele quem convencera José Lins do Rego a não publicar o livro sobre ele: “Não era, o livro, já datilografado, nem biográfico nem de crítica literária, tal o seu enlevo em torno do assunto. Era uma admiração de um adolescente por outro adolescente a transbordar em entusiasmos de modo algum persuasivos” (“Em torno da Recifensização de José Lins do Rego”, 186). Em reportagem de Francisco de Assis Barbosa, José Lins do Rego ainda fala de um livro que nunca chegou a ser publicado, entitulado *Reflexões em torno de um livro*, com prefácio de Gilberto Freyre (*Fortuna Crítica*, 63)
 6. Nestor Pinto Figueiro Jr. discute a questão da suposta conversão de JLR a que se refere GF: “... JLR acaba assumindo o papel de pecador e GF o de messias, através de quem o amigo encontraria a redenção e a glória literária, servindo essas reflexões para sustentar a tese de que JLR não era um ‘ignorante de talento’ que ‘não teria sofrido nunca outras influências senão as que lhe têm entrado pelos ouvidos’. Era preciso, então, apresentar JLR como uma inteligência que estaria apenas desviada de seu caminho. E, uma vez convertido mediante a doutrina que lhe teria sido dada pelo ‘mestre’, o renascido finalmente encontraria a glória (146). Figueiredo Jr. tem razão ao concluir que “mostrando-o como um convertido às letras, GF estaria, na verdade, não só salvando um pecador desviado do caminho (que o levaria à glória), mas também estaria salvando a si mesmo” (146).
 7. Esse artigo foi publicado originalmente nos jornais cariocas *Boletim de Ariel* (nov. 33) e *Literatura* (5/11/33), e republicado no livro editado por Edson Nery da Fonseca, *Casa-Grande e Senzala e a Crítica Brasileira de 1933-1944*.
 8. Gilberto Freyre tem um livro curioso, sobre a importância de Recife como capital do nordeste, chamado *O Recife, sim! Recife, não!*, em que ele começa por salientar o aspecto cosmopolita e metropolitano da cidade, e acaba por fazer um elogio à Sudene, sediada na capital do Recife.
 9. No mesmo artigo, Gilberto Freyre explica: “É muito mais pela forma que ele se transregionaliza até tornar-se supra-regional; e compreendido por estrangeiros tanto como conterrâneos. É claro que a forma, nesse caso, não se limita a significar o estilo em que é literariamente composta a obra, mas aquilo por meio do qual o escritor exprime sua personalidade em conflito ou

em harmonia com o meio, ou revela da realidade humana regionalmente configurada – configurada, e não desfigurada até tornar-se um Tibet cujo mistério só os iniciados pudessem compreender: o caso da antiga subliteratura caipirista que, no Brasil, passou por algum tempo por literatura regionalista – trechos desconhecidos ou desprezados por outros escritores e até por outras literaturas. .. Não é preciso romper um escritor com tudo que seja regional, tradicional, folclórico, pitoresco, para elevar-se à literatura introspectiva ou à poesia pura e atingir ‘a verdadeira grandeza literária’. (*Alhos e Bugalhos*, 38-39).

10. A questão para a qual esse artigo aponta, mas que não acabe aqui desenvolver, é justamente a da oposição binária entre província e cosmópolis. Jorge Schwartz, em seu livro *Vanguarda e Cosmopolitismo*, discute como Paris representa, no começo do século XX o modelo da cosmópolis (5). O mais interessante é como Schwartz mostra o sentido original que se empregava o termo, usado pela primeira vez por Guillaume Postel em 1560, em oposição, justamente, ao estrangeiro e, em particular, aos Turcos (apesar que Schwartz parece equivocar-se ao chamar esse uso simplesmente de universalista). Schwartz comenta ainda que, segundo *The Oxford English Dictionary*, em 1598 o termo era usado com o sentido de cidadão da “mística cidade universal” e que, em francês, o termo só aparece dicionarizado na segunda metade do século XVIII como um termo pejorativo e com conotações antipatrióticas: o cosmopolita seria “aquele que não adota uma pátria” e “o cosmopolita não é um bom cidadão” (6) para mais tarde adquirir o sentido contemporâneo de “cidadão do mundo” ou “cidadão capaz de adotar qualquer pátria”. Schwartz está interessado em manter o sentido positivo do termo de “abertura de fronteiras culturais” (6) para entender a vanguarda no início do século XX, sem se perguntar se o termo adquire novos significados fora da Europa. O que hoje se deve questionar é a relação dessa noção de cosmopolitismo com noções mais recentes de globalização. Em artigo recente, publicado no suplemento Mais! da Folha de S.Paulo, o historiador Robert Darnton sugere que no século XVIII o Iluminismo “desenvolveu um modo de existência pan-europeu, conhecido, na época, como cosmopolitismo” (6), que estava fortemente associado à elite: “O cosmopolitismo ... [d]iferenciava as pessoas de classe das massas que não tomavam banho e cujo horizonte mental não ultrapassava o território que podia ser visto desde a torre de sua igreja...” (6). Segundo o historiador, Rosseau mesmo usava o termo pejorativamente em seu *O Contrato Social*, definindo o cosmopolita como alguém que “faz de conta que ama o mundo inteiro para poder ter o direito de não amar ninguém” (7). Ao invés de atribuir tais afirmações pejorativas em relação ao cosmopolita a mero preconceito, seria necessário repensar a noção de cosmopolitismo junto com a de universalismo e, logo, toda noção de provincianismo e localismo. Para uma discussão do conceito de cosmopolitismo, ainda do ponto de vista Europeu e da cidade europeia, ver também o livro de Jacques Derrida, traduzido em inglês como *Cosmopolitanism and Forgiveness*. Em todo caso, não se pode pensar cosmopolitismo fora da Europa sem se levar em conta a história da colonização e da dependência econômica e cultural dos países do terceiro mundo.

OBRAS CITADAS

- Barbosa, Francisco de Assis. “Foi a Velha Totônia quem me ensinou a contar histórias” *José Lins do Rego*. Coleção Fortuna Crítica. Org. Eduardo Coutinho e Angela Bezerra de Castro. Rio de Janeiro e João Pessoa: Ed. Civilização Brasileira/Funes, 1990.
- Castello, José Aderaldo. *José Lins do Rego: Modernismo e Regionalismo*. Edart: São Paulo, 1961.
- Darnton, Robert. “Fronteiras Imaginárias”. Mais! São Paulo, 21-07-2002. p. 4-9.

- Derrida, Jacques. *Cosmopolitanism and Forgiveness*. Londres e Nova Iorque: Routledge, 2001.
- . *Politiques de l'amitié*. Paris: Éditions Galilée, 1994.
- Figueiredo Jr., Nestor Pinto. "Cartas de Gilberto Freyre a José Lins do Rego". *Gênese e memória, IV Encontro internacional de pesquisadores do manuscrito e de edições*. Philippe Willemart (org.). São Paulo: ANNABLUME/Associação de Pesquisadores do Manuscrito Literário, 1995, p. 77-83.
- . Correspondentes de José Lins do Rego. *Correios das Artes* (João Pessoa), março 2001, ano LII, n. 15, p. 18; abril 2001, ano LII, n. 16, p. 18; jun./jul. 2001, ano LII, n. 19, p. 18; agosto, 2001, ano LII, n. 18, p. 18; setembro, 2001, ano LII, n. 21, p. 28-29.
- . "Gilberto Freyre epistolar". *Interpenetrações do Brasil – encontros e desencontros*. Org. Elisalva Madruga Dantas e Jomard Muniz de Britto. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2002. p. 37-46.
- . *Gilberto Freyre no texto epistolar e outros textos*. João Pessoa: Idéia, 2000.
- . "José Lins do Rego Cavalcanti". *Correios das Artes* (João Pessoa), nov. 2001, ano LII, n. 20, p. 18-19.
- . *Pela Mão de Gilberto Freyre ao Menino de Engenho*. João Pessoa: Idéia/ Funesc, 2000.
- . Série correspondência passiva de José Lins do Rego. *Correios das Artes* (João Pessoa), dez. 2000, ano LI, n. 12, p. 14.
- . "Vai continuando, seu Zé Lins, por favor vai continuando". *O Galo - Jornal Cultural* (Natal), jun. 2000, ano XII, n. 5, p. 12.
- Figueiredo Jr., Nestor Pinto de e Sônia Maria Van Dijck Lima. "A relação epistolar entre Freyre e Lins do Rego". *Correios das Artes* (João Pessoa), set. 1999, n. 422, p. 6-7.
- . (org.). Cartas de Gilberto Freyre: correspondência passiva de José Lins do Rego [organizada por]. João Pessoa: FUNESC, 1997.
- . "De Gilberto Freyre para José Lins do Rego". *Prezado senhor, Prezada senhora: estudos sobre cartas*. Org. Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battela Gotlib. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p.241 a 250.
- Fonseca, Edson Nery da. "Amizades: Gilberto Freyre, José Lins do Rego e Odilon Ribeiro Coutinho". *Interpenetrações do Brasil – encontros e desencontros*. Org. Elisalva Madruga Dantas e Jomard Muniz de Britto. João Pessoa: Ed. da UFPB, 2002. p. 25-35.
- Freyre, Gilberto. "Em torno da Recifensização de José Lins do Rego". *Ciência e Trópico*. Recife: 175-188, jul/dez. 1982.
- . "José Lins do Rego e eu: qual dos dois influenciou no outro?". *Alhos e Bugalhos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978. Alhos & bugalhos: ensaios sobre temas contraditórios: de Joyce a cachaca; de José Lins do Rego ao cartão-postal
- . "José Lins do Rego representado no Recife". *Jornal do Commercio* (Recife) 23 jun. 1963, p.4.
- . "José Lins do Rego". *Diário de Pernambuco* (Recife) 15 set. 1957. (reproduzido no artigo de Edson Nery da Fonseca, acima).
- . *O Recife, Sim! Recife, Não! – Pequeno guia do Recife escrito para não-recifenses pelo recifense de Apipucos Gilberto Freyre*. São Paulo: Arquimedes Edições, 1967.
- . *Região e Tradição*. Prefácio de José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1942, 2nd ed. 1968.
- . "Recordação de uma amizade". *Correio do Povo* (Porto Alegre) 30 de maio 1948, p.4.
- . "Recordando José Lins do Rego". *Vida, forma e cor*. Rio de Janeiro: Record: 1961, 1987. p. 57-71.
- . *Tempo Morto e Outros Tempos: trechos de um diário de adolescência e primeira mocidade, 1915-1930*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975.

- Menezes, Diogo de Mello. *Gilberto Freyre*. Recife: Massangana/Fundação Joaquim Nabuco, 1991.
- Rego, José Lins do. Correspondência. Cartas de José Lins do Rego a Gilberto Freyre. *Biblioteca Virtual Gilberto Freyre*. <http://prossiga.bvgf.org.br>.
- . “Estilo e Ciência” (1936) [sobre *Casa Grande e Senzala*]. *Gordos e Magros*, p.270-274.
- . *Gordos e Magros*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1942.
- . “Nascimento Grande” (1936) [escrito em colaboração com Gilberto Freyre]. *Gordos e Magros*, p. 45-48.
- . “O Homem e a Mulher” [sobre *Sobrados e Mucambos*, de GF]. *Gordos e Magros*, p.292-295.
- . “O próximo livro de Gilberto Freyre” (1933) e “Um Nietzsche Falando Sobre Negros, Índios e Portugueses” (1937). In *Casa-Grande e Senzala e a Crítica Brasileira de 1933 a 1944*. Ed. Nery da Fonseca, Edson. Recife: Companhia Editora de Pernambuco, 1985. p. 39-42.
- . Prefácio a *Ingleses*, de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1942. [Reimpresso como “Os Ingleses” em *Gordos e Magros*, p. 335-343]
- . Prefácio a *Região e Tradição*, de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora, 1942 (2ª ed. de 1968). Reimpresso como “Gilberto Freyre” em *Gordos e Magros*. Rio de Janeiro: Ed. da Casa do Estudante do Brasil, 1942, p. 116-133.
- Schwartz, Jorge. *Vanguarda e Cosmopolitismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1983.
- Trigo, Luciano. *Engenho e Memória: O Nordeste do Açúcar na Ficção de José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2002.

